



O DOM DE TER O QUE NÃO SE TEM: UMA ANÁLISE DE *FELICIDADE CLANDESTINA*

LE DON D'AVOIR CE QUE L'ON N'A PAS: UNE ANALYSE DE *FELICIDADE CLANDESTINA*

Carolina Antonaci Gama*

* antonaci@gmail.com
Doutora em Literatura Comparada pela Université de Montréal
(Montréal, Canadá).

RESUMO: Este ensaio propõe uma releitura do conto *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector através da teoria do dom, notadamente dos conceitos desenvolvidos pelo filósofo Jacques Derrida em seu livro *Donner le temps*. Além disso, o presente texto dialoga com o livro de Hélène Cixous *L'heure de Clarice Lispector*, onde a escritora francesa analisa igualmente o conto de Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Felicidade Clandestina; dom; amizade.

RÉSUMÉ : Cet essai propose une relecture du récit *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector à travers la théorie du don, notamment des concepts développés par le philosophe Jacques Derrida dans son livre *Donner le temps*. En outre, le présent texte dialogue avec le livre d'Hélène Cixous *L'heure de Clarice Lispector* où l'écrivaine française analyse également le récit de Lispector.

MOTS-CLÉS: Clarice Lispector; Felicidade Clandestina; don; amitié.

Recevoir, c'est s'apprêter à donner

(Gaston Bachelard)

Le don a horreur de l'égalité.

Il recherche l'inégalité alternée.

(Jacques T. Godbout et Alain Caillé)

É entre mulheres que o filósofo franco-magrebino Jacques Derrida começa seu livro sobre o dom: “Dar o tempo”. A partir de uma carta escrita por uma mulher para outra mulher sobre o tempo que era preciso dar a outras mulheres, sua reflexão sobre a dom se desenvolve: “O rei toma todo o meu tempo; dou o resto a Saint-Cyr, a quem gostaria de tudo dar” (DERRIDA, 1991, p. 11, tradução nossa).¹ Uma mulher, Madame de Maintenon, dá a outras mulheres (às jovens da fundação Saint-Cyr) o que ela realmente não pode dar, pois o rei *soleil* tira tudo dela. Ela dá o resto do tempo que não há, visto que o rei toma todo o tempo que ela tem. Derrida diz isso inúmeras vezes até a exaustão; ele lê, relê, vira e torce esta pequena missiva até que as palavras possam significar outra coisa, até que elas digam o que não dizem, até que digam o que elas realmente dizem, até que essas palavras se tornem impossíveis. O tempo que não temos e que doamos mesmo assim, “dar o tempo” que não existe, este é o paradoxo em torno do qual ele raciocinará e que

o fará dizer que o dom é da ordem do impossível, que o dom é *o impossível*: “Não impossível, mas o impossível. A própria figura do impossível. Ele se anuncia, se faz pensar como o impossível” (DERRIDA, 1991, p. 19, tradução nossa).² A primeira e principal problemática do texto de Derrida sobre o dom é, portanto, o fato de uma mulher dizer a outra mulher que ela está dando a outras mulheres o que ela não tem. Mas se dissermos que uma mulher nos contou que uma menina não possui um livro que lhe pertence? Estaríamos ainda diante dum paradoxo ou o pensamento aceitaria pacificamente que uma garota pode ter o que ela não tem? Seria possível pensar o dom de um livro que não é dado?

Resumamos o conto de Clarice Lispector: uma garotinha gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados, cujo pai é dono de uma livraria, promete a uma menina loira, imperdoavelmente bonitinha, esguia, altinha, de cabelos livres, lhe emprestar o seu livro que a outra deseja avidamente. Todos os dias, a loira bate à porta da ruiva para poder ter o livro que ela cobiça, mas sempre recebe a mesma resposta: o livro já está emprestado, não está mais lá. Um belo dia, a mãe da ruivinha pergunta o que a loirinha quer. Ela ouve atenta toda a história e, surpresa total, a mãe diz que o livro ainda estava em casa, que nunca havia sido emprestado e

1. Lettre à Madame Brinon. « Le roi prend tout mon temps; je donne le reste à Saint-Cyr, à qui je voudrais le tout donner ».

2. « Non pas impossible mais l'impossible. La figure même de l'impossible. Il s'annonce, se donne à penser comme l'impossible ».

que sua filha não o quis sequer ler. Ela decide, então, que a loira pode ficar com o livro pelo tempo que quiser, o quanto ela quiser: “Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: e você fica com o livro por quanto tempo quiser” (LISPECTOR, 2016, p. 395).

A escritora e ensaísta francesa Hélène Cixous, maravilhada com essa história, escreve um ensaio intitulado: “Saber ter o que se tem” para analisá-lo e (re)contá-lo na perspectiva de um dom que não se dá, de um dom que seria mais que um presente, já que não é um. Eis sua leitura do conto: a loirinha, que é a pequena Clarice, recebe da mãe da “peste ruiva” o presente mais lindo do mundo: poder ter um livro sem realmente tê-lo: “você tem que saber que nós só podemos ter se tivermos um saber-ter que não destrua, que não possua. O segredo: lembrar a cada momento a graça que é ter” (CIXOUS, 1989, p. 147, tradução nossa).³ O desejo transbordante da pequena Clarice é recompensado por um presente infinito, um presente compatível com sua capacidade de desejar. É lhe dado o tempo de ter, é lhe dado todo o tempo do ter. Enquanto Clarice quisesse o livro, enquanto pudesse desejá-lo, o livro seria dela, o tempo do livro estaria à sua disposição. O dom do livro seria o dom maior, um dom que nunca acaba de se dar, um dom eterno porque nunca

realmente possuído. Mas como não acabar com o seu desejo, como não deixar de desejar o que se quer e como continuar a ter mais e mais o que se tem? Cixous, citando todas as táticas que Clarice havia desenvolvido para continuar a desejar o livro: não começar a ler, fingir que o leu, escondê-lo para depois encontrá-lo, etc., conclui sua análise assim: “guardar no ter a leveza ofegante de esperar ter. Ter logo depois de não ter tido. Ter sempre em si a emoção de quase não ter tido. Pois ter é sempre um milagre” (CIXOUS, 1989, p. 147, tradução nossa).⁴

Sim, Cixous tem razão, ter é sempre um milagre. Sobretudo quando se sabe que o que se tem, não nos pertence. Quando estamos convencidos de que temos o que não nos pertence. Quando nosso desejo significa que podemos ter tudo que não temos, que podemos continuar a ter o que nunca tivemos. É um milagre quando se diz a si mesmo que, se não se tem, é porque se tem o direito de tê-lo imediatamente. Ter é sempre um milagre, um grande milagre, quando se acredita profundamente, com todas as forças, que aquilo que não temos nos foi prometido, portanto, nos pertence... Que o espírito de uma promessa é lei de posse. Que livro prometido é livro tido.

A pequena Clarice do conto “Felicidade Clandestina” queria um livro que não lhe pertencia. Como tê-lo? Como

3. « il faut savoir qu'on ne peut avoir que si on a un savoir-avoir qui ne détruit pas, qui ne possède pas. Le secret : se souvenir à chaque instant de la grâce qu'est avoir ».

4. « Garder dans l'avoir la légèreté haletante de l'espérer avoir. Avoir juste après ne pas avoir eu. Avoir toujours en soi l'émotion d'avoir failli ne pas avoir. Car avoir est toujours un miracle ».

receber o milagre de poder um dia tê-lo para si? Como provar que o que ela não tem é, na verdade, o que ela merece ter? Como descrever o fato de que aquela que deseja sem ter sofre uma injustiça? Como demonstrar que todos lhe *devem* o que ela não tem? Como expressar que aquela que deseja e não tem é vítima daquela que tem? Como contar seu desejo de ter como sendo um direito de ter? Eis Lispector (adulta) a escrever o que está errado, tudo que a impede de ter, tudo que é preciso contar e calcular para que a menina possa ter o que ela não tem, para que ela possa ter o que a outra menina tem, para que ela receba (de nós) o milagre de tê-lo, o dom do ter. Lispector conta o conto para que possamos dar-lhe o que ela tem o direito (literário) de ter, para que o milagre de ter seja realizado pelo dom da leitura, pelo dom da literatura: “primeiramente, o acontecimento do texto que está ali, como uma história dando-se ou oferecendo-se para leitura (esse acontecimento aconteceu e continua acontecendo, ele dá o tempo e toma o seu tempo, ele se dá aparentemente o tempo) [...]” (DERRIDA, 1991, p. 126, tradução nossa).⁵

Para começar seu árduo trabalho de dar à garota o que ela não tem, Lispector diz, enfurecida, que a garota que tem o livro não possui qualidades físicas desejáveis, ou melhor, nenhuma qualidade física desejável aos

seus olhos turvos pelo desejo de ter (ela é gorda, miúda, sardenta e com cabelos crespos) e logo depois, delicadamente, afirma que a menina que quer o livro (a pequena Clarice) possui todas as mais perfeitas qualidades físicas e morais. A menina que tem o livro tem uma casa linda, uma casa grande, uma casa de verdade, ela já é, pois, rica, burguesa, ela não precisa ter mais do que tem. A menina que quer o livro não tem casa, enfim, ela não tem uma casa de verdade, ela não tem uma casa tão linda, tão grande, tão luxuosa, ela precisa, logo, ter mais, ela precisa ter o que ela não tem, ela é mais pobre que a outra menina, ela tem mais direito de ter. Além disso, Lispector diz que a menina que possui o livro é má, cruel e sádica e que aquela que quer o livro é imperdoavelmente feliz, imperdoavelmente inocente, imperdoavelmente cheia de esperança e de vida. Lendo essas descrições, seguindo o plano econômico de Lispector, suas contas muito bem calculadas, sabemos imediatamente que a loira deve ter tudo. Tudo o que ela não tem, temos que lhe dar. Seu desejo se torna o desejo do leitor desatento, sua falta se torna sua própria falta. Que felicidade clandestina ele então sente (provavelmente a mesma de Cixous) quando a mãe dá à pequena loira o que ela tem direito de ter! O que ela está no direito literário e narrativo de ter. Lispector o convenceu, a história se ilumina e a justiça é restaurada, a balança se equilibra. Quem não tinha agora

5. « d’abord l’événement du texte qui est là, comme un récit se donnant ou se tenant offert à la lecture (cet événement a eu lieu et continue d’avoir lieu, il donne le temps et il prend son temps, il se donne apparemment le temps) [...]»

pode ter para sempre, pode ter o quanto quiser, pode ter todo o tempo para ter. O dom literário torna-se o dom do tempo de ter. O dom torna-se o presente no presente do texto. O acontecimento do dom se apresenta no presente da leitura. O texto se dá no dom do livro que a menina recebe do dom de quem lê.

Mas e se a garota que tinha o livro tivesse também o direito de ter o que ela tem? E se aquela a quem o livro realmente pertence também desejasse tê-lo? E se ela também merecesse continuar a ter para sempre o que ela já tinha? E se o dom fosse o dom de continuar a ter o que se tem? Como contestar o texto de Lispector, que, no entanto, diz o contrário? Como ler o que ela quer esconder? Como escapar da armadilha textual que ela armou para nós? Como sair do círculo econômico da história? Como quebrar o encanto do texto? Como recusar o dom do texto no presente da leitura? A principal questão que pode nos ajudar a ler essa história de forma diferente é: o que essas duas meninas realmente querem? Posto que esta história parece girar em torno de um fato muito estranho, ela circula em torno de um episódio bastante inusitado: há no centro da narração, no seio do conflito, um livro que ninguém lê, mas que todas querem para si. Um livro que fica na casa da menina que o tem, mas que não quer ler. Um livro que aquela que não o tem quer ler,

mas que não o lê quando passa a tê-lo. Há um excesso de desejo e posse que vai além do objeto desejado e possuído. Há um conflito de classes em torno de um livro dado como certo e, portanto, não lido. Então, o que elas realmente querem?

Para tentar responder a essa pergunta, devemos retornar ao título da história: “Felicidade Clandestina”. O desejo das duas meninas é clandestino, a felicidade de cada uma delas é uma felicidade tão clandestina que não aparece, que não pode ser lida nas palavras do texto. Mas como ler o que não pode ser lido? Como ver o que não pode ser visto? É preciso ler e reler, ler ainda mais, repetir, repetir, repetir até que se possa ver o que está oculto, até que o não-ser se torne. Pois há sempre outra realidade sob a realidade que nos é dada a ver. Há sempre outro texto no texto que nos é dado a ler.

Começemos, pois, com a pequena Clarice. O que ela quer? O que quer uma pessoa que deseja um livro que não tem, mas que não o lê quando pode tê-lo? A sua felicidade não é, portanto, a de poder ler o livro, porque ela não o lê. Não é também o simples fato de o ter, pois quando ela o tem, ela o esconde, finge não o ter, se separa constantemente de seu bem. O tom dessa história pode nos contar um pouco sobre a natureza clandestina de seu desejo. Já

mostramos como Lispector descreve a menina que tem o livro, como ela tenta depreciar seu corpo e suas qualidades morais e vimos igualmente o quanto Clarice cobiça a sua casa e principalmente como ela inveja a sua sorte de ter um pai livreiro. Parece que a pequena quer ter tudo o que a outra menina tem e que ela não tem; e na tentativa de justificar seu desejo desproporcional, sua ganância sem limites, ela se gaba de seu próprio físico e imagina que a garota ruiva deve odiá-la porque ela não é tão bonita. Ela inverte a situação: se ela inveja tanto a ruivinha, também a ruivinha deve necessariamente invejá-la e mais intensamente. Uma vez estabelecido que a ruivinha a odeia por ela ser imperdoavelmente bonita, ela deve pagar por seu ciúme. Ela tem que lhe dar o que ela quer, porque ela não é culpada de sua própria beleza, ela é vítima de sua própria graça, do dom de seu encanto. A ruiva sim, ela é culpada de sua herança, culpada de sua feiura, culpada de ter uma casa, culpada de ter tudo o que ela não devia ter. Culpada por não ser tão bela quanto Clarice. Culpada pelo dom do ter. Mas se a pequena Clarice era tão boazinha, tão leve, tão inocente, tão viva, por que não aceitar que ela não poderia ter o que não tinha? Por que ela não seguiu à risca a lição de Cixous (aquela que tão gentilmente a defendeu): “é preciso saber que só se pode ter se tivermos um saber-ter que não destrói, que não possui” (CIXOUS, 1989, p. 147, tradução nossa)?⁶ Por que não, não ter? Por

que não deixar a outra garota ficar com o que ela tem? Por que não fazer desse desejo sua verdadeira felicidade clandestina, escondendo-o de todos? Se Cixous estava certa, isso é o que a pequena Clarice deveria ter feito. Deixar o desejo desejar sem nunca ter o objeto desse desejo em sua posse. O milagre de ter seria o de ter o livro sem nunca tê-lo, sem nunca ter que sequer tocá-lo, sem nunca estar perto dele, sem nunca mostrar que o quer, esperando que a outra menina, por um milagre, por graça, viesse um dia dar-lhe como um dom... Mas a pequena gananciosa não quer realmente o livro. Em todo caso, ela não quer lê-lo... e não quer tê-lo também não (Cixous nos prova). O que ela quer então? O que pode querer uma menina que quer o que ela não quer? Qual seria a sua maior felicidade? O que uma menina que deseja muito, que deseja mais do que ela pode suportar, que deseja tudo o que não tem, que deseja tanto que nem sabe como ter, o que mais essa garota pode querer? Seu desejo clandestino, sua felicidade clandestina, o que realmente lhe dá prazer é ver que a menina que tinha não tem mais. É saber que o milagre do ter lhe fez justiça. A outra garota não tem mais. A menina que tinha que acabou não tendo. O dom do ter deu-se enfim.

E a outra garota? Qual era o seu desejo? Qual era a sua felicidade clandestina? Bem, seu contentamento é ainda mais clandestino, muito mais sutil, muito mais frágil. É

6. « il faut savoir qu'on ne peut avoir que si on a un savoir-avoir qui ne détruit pas, qui ne possède pas ».

uma felicidade tão silenciosa que nos é difícil pronunciá-la. Temos que avançar, como diz Cixous, *com passos de anjo*, para capturar o momento fugaz de seu prazer. Sua felicidade nos escapa constantemente. Se desviarmos o olhar por apenas um segundo, perderemos o minuto da imagem... Ora, não sabemos como estar presentes no presente do momento, como estar mais presentes no presente único de um instante, como fazer presente o presente do presente. E para ver, é preciso estar lá, presente, porque como diz o filósofo Gaston Bachelard: “Você tem que estar presente, presente na imagem no minuto da imagem [...]” (BACHELARD, 2012, p. 1, tradução nossa).⁷ Mas o clandestino não é exatamente o que se esconde? Aquilo mesmo que permanece em segredo? Isso mesmo que se oculta da vista para agir subterraneamente? Como tornar presente o que não se apresenta? “A resposta é um salto no escuro” (HEIDEGGER, 1958, p. 166, tradução nossa do francês).⁸ Devemos então saltar no momento da imagem que não está, mas que pode se apresentar se *dermos o tempo* à menina para expressar o que ela não diz, o que Lispector não diz sobre ela, o que o texto se recusa a lhe dar. Então perguntemos outra vez: o que pode desejar a garota que tem? O que a garota que tem muito ainda pode ter? O que é que ela não tem que a faria querer? Aparentemente, ela tem tudo. O que ela não tem, aos olhos de Lispector, é o que nunca poderá ter: a beleza da menina loira. Mas

será que ela realmente a quer? Será que ela secretamente inveja a graça da pequena Clarice? Nada é menos certo... porque acreditamos sinceramente no que Simone Weil observou: “Uma mulher muito bonita que olha sua imagem no espelho pode muito bem acreditar que é isso. Uma mulher feia sabe que não é isso” (WEIL, 1988, p. 40, tradução nossa).⁹ Então o que ela quer? Ela tem o livro que ela não lê. Ela tem o livro que poderia dar à outra garota se o quisesse. Ela sabe que tem o livro que tem. Ela sabe que a outra garota quer ter o livro que lhe pertence. Mas ela não lhe dá o dom do livro. Então, o que faz a menina que tudo tem? Ela diz calmamente à pequena Clarice para ir à sua casa para que ela possa ter o que ela tanto quer: “Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria” (LISPECTOR, 2016, p. 394). Ela atrai a loirinha todos os dias para a sua casa, dizendo que ela vai enfim tê-lo, que ela vai finalmente ter, que ela vai acabar tendo o livro que deseja. Seu trabalho é lento, paciente, ela tem que aprender pouco a pouco a dar o que tem, assim como aos poucos aprender a não dar o que tem de imediato. Ela deve aprender a dar a quem não tem, a quem nunca teve, a quem não sabe ter, a quem não sabe como ter. Ela se dá, então, o tempo de dar, ela se dá o tempo de dar o dom. Ela se dá o tempo do dom: “O que há para dar, unicamente, se chamaria o tempo” (DERRIDA, 1991, p. 45, tradução nossa).¹⁰ Ela dá à garota

7. « Il faut être présent, présent à l'image dans la minute de l'image [...] ».

8. « La réponse est un saut dans l'obscurité ».

10. « Ce qu'il y a à donner, uniquement, s'appellerait le temps ».

9. « Une très belle femme qui regarde son image au miroir peut très bien croire qu'elle est cela. Une femme laide sait qu'elle n'est pas cela ».

ávida o tempo para ter, um dia, um dom. Ela dá à menina o tempo para aprender a receber. Não foi Cixous quem disse que “Receber é uma ciência. Saber receber é o melhor dos dons” (CIXOUS, 1986, p. 119, tradução nossa)?¹¹ Mas ela tarda... Ela perde o momento do dom, ela perde o tempo do dar. Ela não calculou bem... O tempo do dom escapa-lhe das mãos. Sua mãe acaba interrompendo o círculo econômico que estava se tramando em sua casa. Ela pede à sua filha que dê à pequena Clarice, imediatamente, o livro que nunca saiu de casa e à Clarice diz para ficar com o livro o tempo que ela quiser... A mãe toma posse do livro que não lhe pertence e o dá à pequena Clarice. Ela dá o livro de sua própria filha para a outra garota. Ela dá o que ela não tem, ela faz um dom do que não possui. Ela rompe o dom do tempo para dar, sem demoras, o livro que nunca fora dado.

Mas será que ela não entendeu? Será que a mãe, logo a mãe que, segundo Cixous, é “a mãe de todas as meninas do mundo” (CIXOUS, 1989, p. 146, tradução nossa)¹², será que ela não pôde ser a mãe de sua própria filha? Será que ela, a mãe, logo a mãe, não viu? É verdade que a felicidade da pequena ruiva era clandestina, era sutil, frágil, mas uma mãe sabe dessas coisas... uma mãe geralmente sabe o que os outros não sabem... uma mãe sabe até o que ela não sabe... Como então pôde ela ignorar o

trabalho lento de sua filha? Será que a mãe da menina ruiva realmente não entendeu o que sua filha estava tramando? Será que ela realmente não viu todos os fios que sua filha estava fiando e tecendo para manter a outra menina por perto, para fazê-la vir e voltar para casa? Ela não entendeu o que se tramava todos os dias diante de seus olhos de mãe? Como que ela conseguiu cortar os fios que liavam sua filha à pequena Clarice, como pôde ela arrancar de sua filha a sua felicidade clandestina? A felicidade clandestina de poder ver todos os dias a menina que não falava com ela... a menina que não era como ela... a menina que não a queria junto dela... Como que a mãe de todas as meninas foi capaz de tirar de sua própria filha a felicidade de poder pertencer, a felicidade clandestina de estar entre as meninas, de formar, ainda que por alguns instantes, ainda que por somente alguns instantes por dia (“Não se deve durar, não se deve participar de nenhum tipo de duração” (BLANCHOT, 1993, p. 56, tradução nossa)¹³, à comunidade das meninas?

Mas e se a mãe soubesse? Então lá, se ela soubesse, e tudo sugere que ela sabia, ela fez o que qualquer mãe faria em seu lugar. O que todas as mães teriam que fazer... Ela sabia, todo mundo sabe, que não era o bom método, que não é assim que se conquista uma amiga. Sua filha “fazia do amor um cálculo matemático errado” (LISPECTOR, 2016,

11. « Recevoir est une science. Savoir recevoir est le meilleur des dons ».

12. « mère de toutes les petites filles du monde ».

13. « Il ne faut pas durer, il ne faut pas avoir part à quelque durée que ce soit ».

p. 405). A mãe teve, então, pena de sua filha. No momento em que ela entendeu, no momento inenarrável em que ela viu a triste felicidade clandestina de sua filha, ela não suportou deixá-la nessa situação. Ela libertou a pequena Clarice dizendo que ela poderia voltar quando quisesse... A casa ainda estaria aberta, sua filha ainda estaria por lá. A pequena Clarice teria todo tempo para decidir vir, para escolher voltar. A mãe deu-lhe o tempo da amizade. Se ela quisesse ser sua amiga, ela teria que vir por conta própria, a bel-prazer. Ela deveria vir por sua filha e não por um livro que ela não queria. O dom seria assim o dom do retorno, o dom que faz do tempo o instante possível da amizade. A mãe, ao dar um livro que ninguém queria, libertou a própria filha desse círculo vicioso. “Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só?” (LISPECTOR, 1998, p. 40).

Mas e se Lispector estivesse certa? E se a pequena Clarice realmente merecesse ter o que queria? E se Cixous também tivesse razão? E se a ruivinha fosse, como dizem Cixous e Lispector, uma praga sem coração que torturava o desejo da pequena gananciosa?

E se?

E se.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **La poétique de l'espace**. Paris: Presses Universitaires de France, Quadrige, 2012.

BLANCHOT, M. **La communauté inavouable**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1993.

CIXOUS, H. **Entre L'Écriture**. Paris: **Des femmes**, 1986.

_____. **L'Heure de Clarice Lispector**. Paris: **Des femmes**, 1989.

DERRIDA, J. **Donner le temps**. Paris: Éditions Galilée, 1991.

HEIDEGGER, M. **Essais et conférences**. Traduit de l'allemand par A. Préau. Paris : Gallimard, 1958.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WEIL, Simone. **La pesanteur et la grâce**. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/weil_simone/pesanteur_et_grace/pesanteur_et_grace.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

Recebido em: 08-05-2020.

Aceito em: 03-05-2021.